

Gilberto e sua companheira Maria Socorro Alexandre da Silva (Corrinha) e seus três filhos e uma neta dividem o amor pela capoeira com a cultura camponesa. é da agricultura que vem a renda da família que conquistaram a cisterna de 16 mil litros de água para consumo em 2012. A família integra, ainda, o grupo de fundos rotativos solidários da Caritas Regional Ceará.

“Eu fui convidada pelas pessoas da EMATER para fazer um curso de Economia Solidária no Sítio estrela, foi um curso muito proveitoso; de uma semana, no decorrer desse curso a gente fez intercâmbios para conhecer feiras de Economia Solidária principalmente uma que tem no Juazeiro do Norte (CE), e aquilo ficou muito na cabeça da gente, o entusiasmo foi tão grande que depois do curso, no mesmo mês a gente já estava trabalhando nas comunidades”, relatou Corrinha. A agricultora e também capoeirista destaca também a experiência exitosa da feira. “A primeira que teve uma feira foi a minha comunidade, na Associação dos Agricultores do Sítio Santo Antônio.

No começo não tinha venda de nada, eu tinha o meu produto e você tinha o seu, ali a gente fez a feira toda assim em forma de troca. Essa feira ainda hoje ela acontece”. Mestre Chico que se orgulha de ser hoje o representante dos capoeiristas no movimento de Economia Solidária no Ceara, fala como se integrou ao espaço: “antes só participava as mulheres e eu fui um dia à feira lá no Sítio Macaúbas e quando eu vi, quis participar, também; pedi para participar e o pessoal me aceitaram”, conta satisfeito. Aliando cultura popular e agricultura familiar agroecológica, a família de Corrinha e Gilberto contribuem para que o saber, os costumes e o jeito de produzir do povo do semiárido exista e resista.

Foto: Manoel Leandro

Ceará

Eu disse Camarada que eu ia Produzir Cultura e Agroecologia

Foto: Mallu Barleta

*Nós somos o grupo arte
Grupo Arte e tradição
Capoeira e Cultura,
Esporte e Educação
Estamos aqui nesta festa
Para nos apresentar
Somos o grupo Arte e Tradição
Do mestre Chico Ceará*

Capoeira é uma palavra de origem Tupi-guarani que significa mata rala, ou mato fino, é uma manifestação cultural genuinamente brasileira, reconhecida como patrimônio cultural da nação pelo instituto do patrimônio histórico- IPHAN, no ano de 2008 e em 2012 foi declarada pela UNESCO como patrimônio imaterial da humanidade. Há divergências quanto à origem da Capoeira, mas para Gilberto Matos de Oliveira, mestre Zambi, a origem da capoeira é indígena e fundamenta-se na carta de Pero Vaz de Caminha, onde, antes da chegada dos africanos ao Brasil, ele já cita o jogo de capoeira entre os nativos.

Divergências a parte o fato é que é notável a presença de negros e índios na composição dessa manifestação, seja nos instrumentos, como o berimbau, utilizado por negros africanos no pastoreio do gado ou em palavras como IÊ de origem tupi-guarani que significa atenção. Para Francisco Gilberto da Silva, Mestre Chico Ceara, que se orgulha em citar o seu Mestre Zambi, a capoeira é mística, “não é você que escolhe a capoeira, ela é que escolhe você”, diz ele, que percebeu o seu chamado logo no primeiro contato. Foi quando voltava da escola na cidade do Crato.

“Eu saí junto com meu colega Antonio José da Silva, o Bajarra, mais cedo, tinha uma roda na quadra da igreja de São Francisco e a gente nunca tinha ouvido o som do berimbau e estávamos curiosos para ver, só que quando chegamos na porta era preciso pagar e nós não tínhamos dinheiro; então arrudiamos a igreja, subimos no muro e colocamos a cabeça acima dele, para ficar olhando, nós não pulamos por que tínhamos medo de ser repreendidos, aí a gente viu o povo batendo palmas, lutando, dançando, cantando, tocando nos tambores e tocando no berimbau, que a gente não sabia o que era, foi aí onde a gente começou a levantar as pernas”, narra.

Mestre Chico destaca ainda a dificuldade que existia para a prática da capoeira e do estudo. “Naquele tempo não tinha isso do carro vir pegar a gente na porta de casa e de graça não, naquele tempo que quisesse estudar tinha que pagar o transporte e o material escolar”, completa.



Foto: Mallu Barleta



Foto: Mallu Barleta



Fotos: Mallu Barleta



Fotos: Mallu Barleta



Fotos: Mallu Barleta

Como milhares de nordestinos, Francisco Gilberto também migrou para São Paulo em busca de trabalho, “eu queria dar uma vida melhor para minha família,” afirma. “Quando eu estava em São Paulo eu senti saudades da roça, é que eu sou mesmo é agricultor, eu só pensava em voltar; foi lá que eu descobri que poderia viver bem aqui, aqui é mais tranquilo, o custo de vida aqui é bem mais baixo. Eu queria, ainda, dar à minha comunidade a oportunidade que eu não tive, de praticar capoeira aqui mesmo, eu não queria que o meu povo passasse a mesma dificuldade que eu passei.”

Mestre Chico Ceará foi o primeiro professor de capoeira do município de Barbalha (CE) no ano de 1992, na época o Mestre integrava o Grupo Filhos de Zambi, sendo que o Grupo de Capoeira Arte e Tradição foi fundado em 2004 e vem fortalecendo a prática da capoeira e a cultura caririense, promovendo um entretenimento saudável para a juventude e já realiza eventos como a terreirada e a Virada Cultural. A virada Cultural é um evento que acontece de dois em dois anos, sempre no mês de agosto; são 24 horas de cultura popular. “Meu sonho é que ela se transforme, no futuro, em um encontro Nacional de Capoeira”, disse, lamentando o pouco investimento em cultura que é realizado pelos poderes públicos. A arte transforma, segundo Chico, e essa transformação deve acontecer preservando a nossa memória e a nossa identidade, “por isso que o nome do grupo é Arte e Tradição.”

Para Vinicius Cavalcante, aluno de Mestre Chico, a capoeira imita a vida, “aqui a gente aprende a respeitar, a ter disciplina, a superar limites e dificuldades, a nossa vida é uma espécie de jogo como a capoeira,” revela ele. O semiárido brasileiro possui seus encantos e encantados, é terra fértil para a produção imaterial, é imprescindível que os poderes públicos percebam a importância da cultura para o desenvolvimento da região; talvez grande parte da resistência e resiliência desse povo esteja no invisível, no subjetivo. O imaterial também é parte de nós e é importante para a nossa qualidade de vida, como disse Aurélio Cruz, integrante do Arte e Tradição, “a gente sai do treino mas a capoeira fica em nós, parece que fica pregada ao nosso corpo, é como se tornasse parte da gente”, afirma. O grupo contribui para que a comunidade do Sítio Santo Antônio, 14 quilômetros do centro de Barbalha- Ce, possam dar uma rasteira nas dificuldades e semear o semiárido que sonhamos.



Foto: Mallu Barleta



Foto: Mallu Barleta



Foto: Mallu Barleta



Foto: Mallu Barleta



Foto: Mallu Barleta